

Entre a Arte/Educação e a vida: reconstruindo memórias

Between Art/Education and life:
reconstructing forgotten memories

Entre el arte/la educación y la vida:
reconstruir memorias olvidadas

Ana Julia Dotto Guaragni¹

Flávia Maria de Brito Pedrosa Vasconcelos²

1 Mestranda em Artes Visuais, integrante do Grupo de Pesquisa Artes Visuais e Criatividade – AVEC – Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6877406314554318> ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-8292-2511>. E-mail: anajuliadg@hotmail.com

2 Orientadora da pesquisa, Coordenadora do Grupo de Pesquisa Artes Visuais e Criatividade - AVEC - Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7285933895645743> ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9853-5588> E-mail: flavia.p.vasconcelo@ufsm.br

RESUMO

O presente artigo apresenta processos do projeto “Qual é a sua memória esquecida?”, que tem como objetivo estimular o fazer artístico do indivíduo a partir de suas vivências, estas cercadas de lembranças esquecidas, mas que são recordadas através de objetos visuais guardados por familiares. O envio de cartas para diferentes destinatários foi o método adotado para que a arte pudesse circular fora do ateliê, chegando em indivíduos que muitas vezes não têm contato direto com as Artes Visuais. Nesse experimento, parte-se de conceitos de memória de Bosi (2006) e Chauí (2009), para o envio de uma carta aos destinatários que participaram do projeto. A partir das cartas enviadas, que instigam a busca por uma memória esquecida e conseqüentemente a produção artística dos destinatários, procurou-se desenvolver a auto-expressão dos indivíduos, propondo uma resposta para a pergunta “qual é a sua memória esquecida?”. Neste sentido, interpreto a potência dessa pesquisa revertida nas experiências realizadas em processos criativos e produtos criados, desenvolvendo de modo coletivo o conceito de memória e tangenciando possibilidades da Arte Contemporânea na minha formação como professora/artista/pesquisadora.

PALAVRAS-CHAVE

Memória; Arte/Educação; Artes Visuais; Arte Contemporânea.

ABSTRACT

The present article presents processes from the project “What is your forgotten memory?”, which aims to stimulate the individual’s artistic practice based on his experiences, which are surrounded by forgotten memories, but that are remembered through visual objects kept by family members. Sending letters to different recipients was the method adopted so that art could circulate outside the studio, reaching individuals who often have no direct contact with Visual Arts. In this experiment, we use memory concepts from Bosi (2006) and Chauí (2009) to send a letter to the recipients who participated in the project. From the letters sent, which instigate the search for a forgotten memory and consequently the artistic production of the recipients, we sought to develop the self-expression of individuals, proposing an answer to the question “what is your forgotten memory?” In this sense, I interpret the power of this research reverted in the experiences carried out in creative processes and products created, developing in a collective way the concept of memory and tangencing possibilities of Contemporary Art in my formation as a teacher/artist/researcher.

KEY-WORDS

Memory; Art/Education; Visual Arts; Contemporary Art.

RESUMEN

Este artículo presenta procesos del proyecto “¿Cuál es tu memoria olvidada?”, que pretende estimular la práctica artística del individuo a partir de sus vivencias, rodeadas de recuerdos olvidados, pero que son recordados a través de objetos visuales conservados por familiares. El envío de cartas a diferentes destinatarios fue el método adoptado para que el arte pudiera circular fuera del estudio, llegando a individuos que a menudo no tienen contacto directo con las Artes Visuales. En este experimento, se utilizan los conceptos de memoria de Bosi (2006) y Chauí (2009) para enviar una carta a los destinatarios que participaron en el proyecto. A partir de las cartas enviadas, que instigan la búsqueda de una memoria olvidada y consecuentemente la producción artística de los destinatarios, se buscó desarrollar la autoexpresión de los individuos, proponiendo una respuesta a la pregunta “¿cuál es tu memoria olvidada?”. En este sentido, interpreto la fuerza de esta investigación revertida en las experiencias llevadas a cabo en los procesos creativos y en los productos creados, desarrollando de forma colectiva el concepto de memoria y tangenciando las posibilidades del Arte Contemporáneo en mi formación como docente/artista/investigadora.

PALABRAS-CLAVE

Memoria; Arte/Educación; Artes Visuales; Arte Contemporáneo.

Introdução

Partindo do universo da licenciatura em Artes Visuais, no qual me vejo como artista, professora e pesquisadora, fui ao encontro de autores que trabalham com o conceito de memória e esquecimento, os quais me interessam pela pesquisa do passado e ressignificação do mesmo no momento presente. Assim, criou-se o projeto de pesquisa no ano de 2022 na área de Arte/Educação baseada nas Artes Visuais intitulado “Qual é a sua memória esquecida?”, com o intuito de buscar por memórias escondidas, as quais não são lembradas pelos indivíduos, mas sim configuradas como acontecimentos pelos registros deixados, sejam em livros, álbuns de fotografias, relatos ou objetos.



Fig. 1. Ana Julia Dotto Guaragni, Arte serigráfica, 2022. Fonte: arquivo pessoal

Na metade do ano de 2022, suscitei vincular a expressão artística com a vivência de cada sujeito e assim, realizei uma serigrafia, criando uma arte (Figura 1) que provoca a busca por e a reflexão de uma memória esquecida. Com isso, minha pretensão era que cada indivíduo, ao olhar a arte serigráfica, reconstruísse através da expressão artística a sua própria memória esquecida.

Assim, para que a obra serigráfica pudesse afetar o sujeito e ainda estimular a busca pelo seu passado, manifestando-se pela arte, a serigrafia deveria circular para outros lugares fora do espaço comum de ateliê. Desse modo, escolhi realizar a circulação desta arte por meio de correspondências enviadas para diferentes pessoas através dos correios. Todos os destinatários, portanto, ao receber a carta, seriam provocados a refletir sobre suas memórias, além de serem abarcados por uma proposição de retornar a carta contando sobre o fato memorado através de uma arte.

Desta maneira, o projeto tentou resgatar as vivências de cada um, possibilitando a busca por memórias do passado, seja em objetos visuais ou em histórias contadas oralmente, para as tornar significativas no dia de hoje a partir do imaginário presente de cada indivíduo. A finalidade, portanto, paira sobre a ideia de refletir acerca da vida por meio da serigrafia enviada e se expressar por meio da proposta, retornando uma carta ao remetente com imagens, textos, poesias, objetos ou arte, isto porque muitos indivíduos deixam de lado sua proximidade com a arte quando crescem, permitindo que o cotidiano maçante corra as experiências sensíveis.

Para isto, trago as palavras de Lowenfeld para complementar a minha ideia: “a educação artística tem a missão especial de desenvolver na pessoa aquelas sensibilidades criadoras que tornam a vida satisfatória e significativa” (LOWENFELD, 1977, p. 26). Interpreto que a Arte/Educação, por meio das Artes Visuais, além de promover o acesso a um olhar estético e sensível, possibilita desenvolver a capacidade criadora de cada indivíduo, relacionando contextos e experiências, seja pela proposta de um fazer artístico da poética, ou seja, no processo criador em que ao mesmo tempo em que revisita seu passado, permitindo contá-lo e expressá-lo, traduz-se um presente e vislumbra possibilidades de futuro.

A memória esquecida

A memória propriamente dita, não pode ser considerada apenas a partir das recordações que temos ao nos esforçarmos para lembrar de um acontecimento, pois ela também é fruto de um filtro pessoal e não confiável em termos de veracidade, mas sim do registro de uma trajetória (VASCONCELOS, 2015).

Na maioria das vezes, a memória é revisitada e diz respeito ao que “lembramos espontaneamente quando, por exemplo, diante de uma situação presente, nos vem à lembrança alguma situação passada” (CHAUI, 2009, p. 142). Estas lembranças vêm à tona quando entramos em contato com algo pertencente ao passado, portanto, a memória esquecida de cada um pode surgir no encontro com registros de fotografias feitas por familiares ou pessoas próximas, com histórias contadas oralmente ou com objetos físicos de significado valorativo, visto que “nossas primeiras lembranças não são nossas, estão ao alcance de nossa mão no relicário transparente da família” (BOSI, 2006, p. 425).

Levo o pensamento de Ecléa Bosi comigo, entendendo que pesquisar sobre a memória é também um processo de movimento, um transitar sobre temporalidades e espacialidades diferentes. As fotografias de álbuns de família são visualidades com grande potencialidade que contam histórias e fazem ressurgir lembranças, trazendo o passado para o presente.

Desse modo, para criar a arte que deu início ao projeto, busquei em fotografias familiares imagens de momentos dos quais não me recordava, encontrando um registro da minha primeira vez na praia, quando tinha apenas um ano de idade. Este processo de busca, Cecília Salles denomina como a “coleta sensível que o artista faz ao longo do processo, recolhendo aquilo que, sob algum aspecto, o atrai” (SALLES, 2006, p. 68).



Fig. 2. Ana Julia Dotto Guaragni, Pré-projeto, 2022. Fonte: arquivo pessoal

Na fotografia, minha mãe me segurava pelos braços, fazendo com que de leve os meus pés de criança encostassem na água do mar. Retornar esta memória é uma maneira de passar por cima do esquecimento, visto que esta memória esquecida apenas foi possível de ser lembrada através da fotografia analógica guardada no álbum de família. Escolhi trabalhar com as fotografias porque, nas palavras de Salles:

O artista não é, sob esse ponto de vista, um ser isolado, mas alguém inserido e afetado pelo seu tempo e seus contemporâneos. O tempo e o espaço do objeto em criação são únicos e singulares e surgem de características que o artista vai lhe oferecendo, porém se alimentam do tempo e espaço que envolve sua produção (SALLES, 2011, p. 45).

A fotografia acaba por unir o presente e o passado. Trazer à tona imagens passadas é uma maneira de barrar a criação de um vazio gerado pelo esquecimento, de modo a fazer relações com o agora. Ao visualizar uma imagem ou objeto que carrega uma memória, mesmo não lembrando dela, sou afetada de alguma forma e estimulada a redescobrir. Não apenas descobrir, mas sim construir, uma vez que “redes de associações, responsáveis pelas lembranças, sofrem modificações ao longo da vida” (SALLES, 2006, p. 69), dando um outro significado para esta memória, preenchendo o vazio por outra história.

Diante disso, percebo que assim como Marilena Chaui cita a memória como sendo uma “atualização do passado ou a presentificação do passado e é também registro do presente para que permaneça como lembrança” (CHAUÍ, 2009, p. 140), entendo que o que virá até o indivíduo a partir de uma imagem ou relato sobre seu passado é elencado pelo mesmo a partir do que o afeta ou é significativo no presente.

Da proposta à experiência criadora

Partindo das questões enunciadas anteriormente, optei por reconstruir a imagem fotográfica numa obra serigráfica, a qual foi impressa dez vezes em papéis de tamanho 30 cm x 30 cm e após interferidas com tinta nanquim, deixando marcada a pergunta: “qual é a sua memória esquecida?”.

Seguindo a proposta de circulação da arte, a serigrafia foi enviada para dez endereços diferentes, inclusos os seguintes estados: Rio Grande do Norte, Amazonas, Maranhão, Bahia, Distrito Federal, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná e Santa Catarina. Os endereços de envio não foram escolhidos aleatoriamente, pois o projeto foi divulgado através de uma rede social para selecionar participantes entre os que se disponibilizaram a receber e retornar a correspondência respondendo a partir de um viés artístico sobre a sua memória esquecida.

Além da serigrafia, cada envelope (Figura 3) continha os seguintes materiais: um guia de instruções para o que fazer quando receber a carta - como um convite -, um mini-livro em formato de coração, o qual descreve a memória esquecida da autora

que está representada na serigrafia, trechos de Bosi (2006) e um envelope em papel manteiga que embrulha todos os itens que a carta contém.



Fig. 3. Ana Julia Dotto Guaragni, Envelopes enviados, 2022. Fonte: arquivo pessoal

Destarte, propôs-se que a partir do agora o destinatário de cada carta pudesse buscar em seu baú de memórias – este não necessariamente um objeto palpável - uma dita memória esquecida, uma lembrança valorativa que viesse em consequência deste encontro do momento presente com o passado vivido.

O fazer artístico a partir do passado

Pensar nas memórias esquecidas, permite-nos viver sensações através de conexões entre o passado e o presente, brincando com a memória. O ato de lembrar acolhe as memórias, revendo-as, reconstituindo-as e transformando-as, imaginando outros possíveis, assim como elenca Ecléa Bosi:

Lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho. Se assim é, deve-se duvidar da sobrevivência do passado, tal como foi, e que se daria no inconsciente de cada sujeito. A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual (BOSI, 2006, p. 55).

Os acontecimentos do passado e a maneira com que os recordamos têm a ver com as experiências que nos afetam agora. Pode ser que os episódios não ocorreram da mesma forma como são recordados, vistos ou contados, porque partes foram esquecidas, vazios se formaram e jamais será possível recordá-lo por completo. Deste modo, as lembranças são capazes de ser resignificadas através da reconstrução da memória.

A produção da serigrafia a partir da fotografia permitiu reviver sensações, mesmo que com intensidades diferentes devido a perda, à ausência gerada pelo esquecimento. Esses personagens, situações e visualidades configuradas são uma outra memória colada com a que foi registrada, não fidedigna, pois nenhuma memória o é, como explicita Vasconcelos (2015), porém faz parte desse processo de representação de quem cria. Assim como elenca Salles:

[...] a partir de suas lembranças os artistas criam, portanto, imaginam; isto quer dizer que eles reúnem elementos existentes para os juntar de uma maneira nova: o compositor se serve das notas e das regras e das lembranças e impressões de harmonias existentes (SALLES, 2006, p. 82).

A lembrança de uma memória esquecida pode ressurgir um criar, pois toda vez que lembramos, estamos também imaginando, de modo a resignificar esta memória com outras histórias. "A imaginação está vinculada à memória e esta é o trampolim da imaginação. Imaginar é conhecer aquilo que ainda não é, a partir daquilo que foi, daquilo que percebemos e daquilo que vivemos" (JEAN-YVES & MARC TADIÉ in SALLES, 2006, p. 71), e partindo disto, a proposta de retornar a correspondência pretende com que os indivíduos organizem esta imaginação através das Artes Visuais.

O projeto, pretendendo alcançar a potencialidade da capacidade criadora dos destinatários, prevê que "a estética pode ser definida como sendo o meio de organizar o pensamento, a sensibilidade e a percepção, numa expressão que comunica a outrem esses pensamentos e sentimentos" (LOWENFELD, 1997, p. 47). Portanto, "Qual é a sua memória esquecida?", além de estimular a minha consciência imagética sobre um esquecimento em específico e depois organizá-la visualmente, busca com que outros

sujeitos não imersos no mundo das artes também sejam afetados da mesma forma, expressando-se da maneira como considerarem melhor.

Por conseguinte, os retornos das correspondências, assim como explicado no guia de instruções enviado, poderiam ser escritos, impressos, em forma de fotografia, intervenções, poemas, desenhos, pinturas, objetos, esculturas, etc. Deixou-se o modo de se expressar mais livre, esperando que a imaginação não imponha limites.

Retornos: algumas análises

Sabendo do tempo que leva para as cartas chegarem até os destinatários e depois retornarem, além da imprevisibilidade de se enviar uma correspondência, por conta da perda pelo caminho, o projeto recebeu o retorno de apenas 7 das 10 cartas enviadas (Figura 4 e 5), contando sobre sua busca por uma memória esquecida através dos arquivos familiares.



Fig. 4. Ana Julia Dotto Guaragni, Correspondências retornadas, 2023. Fonte: arquivo pessoal



Fig. 5. Ana Julia Dotto Guaragni, *Correspondências retornadas*, 2023. Fonte: arquivo pessoal

Das imagens e escritos de si que retornaram, partindo de documentos e testemunhos, surgiram formas de encontrar no passado histórias esquecidas para criar um novo possível. Digo um novo possível por causa da impossibilidade de reviver a totalidade de uma experiência a partir da visualidade de um registro ou do fazer artístico. Os participantes retornaram às cartas com fotografias, cores, interferências em fotos, poemas, cartas e colagem, expressando suas memórias esquecidas buscadas. A maior parte dos participantes retornaram sua carta de maneira escrita. Houve quem falasse de brincadeiras de criança, outra de um vestido favorito, uma sobre a morte do pai, outra sobre os avós e por aí vai. Cada uma de maneira singular, a partir de um objeto, de uma história contada, de uma fotografia, de um texto ou do que estiver ao alcance no relicário da família.

Considerações finais

Apesar da incompreensão da totalidade que é regida a busca pelas memórias, o fazer artístico possibilita preencher a perda deixada por elas, ressignificando-as, contando-as, saindo do íntimo e compartilhando, por mais que doa. A arte, portanto, aparece no retorno do projeto como um meio de reflexão acerca do que cabe na ausência deixada pelas memórias esquecidas.

Circular o trabalho para fora do ateliê foi importante devido ao contato com arte, visto que muitos participantes não conheciam ou nunca tinham visto a técnica da serigrafia. Percebi que, através da singularidade dos retornos, a experiência do fazer artístico como potência de reflexão a partir das memórias, pois este diz respeito à autoidentificação e autoexpressão de cada ser visto que trabalha a percepção, cognição e sensibilidade. Desse modo, a expressão dos indivíduos aconteceu no desdobramento de suas temáticas da vida, que envolvem vivências e acontecimentos que os cercam e que têm um espaço significativo para os mesmos, de modo a conectar passado e presente no fazer artístico.

E, dessa maneira, descobri que esse trabalho, como sendo um projeto com outros sujeitos, com fotografias e histórias que não só as de minha família, permeou saberes e fazeres de afetos e artesanias. Construiu-se um dado tempo para rever estas memórias, procurar pelo passado e compartilhar sobre este, gerando um conjunto de ideais que se tornou um trabalho de Arte Contemporânea coletivo.

Referências

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: Lembrança dos velhos. 13ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

CHAUI, Marilena. **Convite à filosofia**. 13ª edição. São Paulo: Editora Ática, 2009.

LOWENFELD, Viktor; BRITAIN, W. Lambert. **Desenvolvimento da capacidade criadora**. Tradução Álvaro Cabral. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1977.

SALLES, Cecília Almeida. **Gesto inacabado**: processo de criação artística. 5ª edição revista e ampliada. / Cecília Almeida Salles. Apresentação de Elida Tessler. - São Paulo: Intermeios, 2011.

SALLES, Cecília Almeida. **Redes de criação**: construção da obra de arte. 2ª edição. São Paulo: Editora Horizonte, 2006.

VASCONCELOS, Flávia Pedrosa. *Designare*: pontes artístico/educativas na formação docente em Artes Visuais. Lisboa: Chiado, 2015.

Submissão: 14/08/2023

Aprovação: 06/03/2024